



Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao Ensino Superior Sergipano (1950-1968)

*Fernanda Maria Vieira de Andrade
Lima¹*

Boa tarde!

Quero agradecer ao Instituto Dom Luciano Duarte, através das pessoas do Prof.Dr. Edmilson Menezes e de D. Carminha Duarte, que me fizeram o convite para estar aqui participando deste momento comemorativo e significativo da vida de Dom Luciano, que repercute em um momento de construção da história cultural e social sergipana.

Neste momento, no qual fazemos parte desta mesa que retrata o eixo temático EDUCAÇÃO, versarei sobre as “CONTRIBUIÇÕES DE DOM LUCIANO JOSÉ CABRAL DUARTE AO ENSINO SUPERIOR SERGIPANO (1950-1968)”.

Somos conscientes que Dom Luciano se envolveu com outros níveis e aspectos ligados à instrução do nosso estado e até do nosso país, mas me deterei apenas ao ensino superior e ainda, mais especificamente ao período de 1950 a 1968. O marco temporal escolhido se deve ao fato de compreender, que foi durante essa fase, que à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – FAFL – e a Universidade Federal de Sergipe – UFS foram criadas. E ainda, partindo dessa premissa, por acreditar que a atuação do padre citado, no campo educacional, tenha sido muito marcante.

Podemos nos questionar como um representante da Igreja Católica poderia influenciar na educação, mais especificamente, no ensino superior do seu Estado, quando havia profissionais da área educacional que poderia estar à frente das situações. Para isso, foi necessário buscar vestígios² de auxílio na análise e na compreensão de situações, muitas vezes, imperceptíveis; mas que contribuem com a História da Educação em Sergipe.

Suas ações demonstravam seu elevado grau de conhecimento e cultura, o que leva a crer que tenha sido este um ponto forte para ter recebido

1 Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe e graduada em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo. Professora da Secretaria Estadual de Educação de Sergipe.

2 GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



convites significativos diante de funções religiosas e sociais. Já reconhecido pela cúpula católica, recebeu a convocação para atuar frente às necessárias providências de criação e consolidação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, onde foi diretor e professor de várias disciplinas importantes para os cursos ofertados³.

A História da Educação, amparada pela História Cultural, apresenta-se, particularmente, rica no sentido de abrigar diferentes possibilidades de estudo de campos temáticos atravessados pela noção de cultura; pois, segundo Chartier⁴, a história cultural “tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

É por meio dessa perspectiva, que falaremos aqui sobre às relações de força e o campo de poder vividos por Dom Luciano diante das providências para a criação e à implantação da primeira universidade pública no território sergipano.

O espaço social é compreendido através das práticas dos grupos que lutam pelo poder e dominação dos seus anseios, produzindo estratégias e práticas que tendem a impor uma autonomia dos pertencentes à determinada posição social e econômica sobre os outros menos favorecidos na sociedade; pois, segundo Abreu⁵, “os indivíduos são seres que participam ativamente da cultura da qual fazem parte, o que significa um duplo movimento de incorporação dos valores nos quais são socializados e de atuação e modificação da própria cultura”. Por isso, as representações do mundo social, assim estabelecidas, supõem-nos como um campo de concorrências e de competições.

Entretanto, a Igreja não se limitou à criação de seminários. Ela foi além, criando faculdades. A Faculdade Católica de Filosofia e a Faculdade de Serviço Social, ambas fundadas em Aracaju, nos anos 50 do século XX, foram exemplos de faculdades criadas pela Igreja.

Em 1951, a Igreja interveio no processo educacional e inaugurou a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, quando Dom Fernando Gomes era arcebispo, o qual entregou a direção do referido estabelecimento para o padre Luciano José Cabral Duarte, aluno aplicado em todos os seminários pelos quais passou, além de ser grande estudioso de Filosofia e Teologia⁶.

3 As disciplinas e os cursos ofertados na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – FAFI – serão especificados no capítulo que trata sobre essa instituição.

4 CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990, p. 16 e 17.

5 ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Artemídia Rocco: Lapa, 1996, p. 28.

6 SOUSA, José Carvalho de. *Presença participativa da Igreja Católica na história dos 150 anos da cidade de Aracaju*. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2006, p. 59.

O padre Luciano buscava sempre o seu aprimoramento intelectual. E posto diante do desafio do ensino superior, que é exige aperfeiçoamento constante, pois, é nessa instância da educação, que, além da transmissão de conhecimentos, também há sua crítica, produções e descobertas⁷.

A FAFL nasceu da necessidade de uma boa formação para professores que ensinariam às novas gerações, mas também da necessidade de difundir no meio acadêmico os dogmas de fé da Igreja Católica.

O governador da época, José Rollemberg Leite, sensível às necessidades de uma melhor orientação para a juventude da época, tinha como uma de suas metas, a criação de uma faculdade de Filosofia para preparar professores, porém o Estado não dispunha de aporte financeiro para tal fim. Persistente, o governador convidou a Diocese de Aracaju para que se envolvesse no processo, garantindo uma subvenção através da Assembléia Legislativa.

No ano de 1959, Monsenhor Luciano fundou e supervisionou o campo para a prática de ensino dos alunos da FAFL, o Ginásio de Aplicação (G.A.), que, de acordo com a concepção da época, visava atender a necessidade de formação de docentes para o ensino secundário.

Formar professores capazes era uma exigência dos novos tempos que começavam na segunda metade do século XX, afinal de contas, a industrialização em massa vinha substituindo a produção agrícola em importância na economia brasileira. Sergipe não poderia perder essa oportunidade. O clero também não poderia deixar essa tarefa a leigos ou aos temidos comunistas que começaram a despontar com a organização do Partido Comunista.⁸

De acordo com Nunes⁹, as influências externas que atingiram o Brasil nessa época já encontraram o país abalado pelas “transformações socioeconômicas trazidas pela Revolução de 1930”, sendo destacada a importância da vida urbana em relação à rural. Tais transformações influenciaram bastante no sistema educacional.

Nesse sentido, Estado e Igreja se uniram para propiciar condições de formar professores com condições de se adequar ao sistema político vigente e acrescentar, à educação formal, firmes sentimentos religiosos embasados na doutrina social católica.

7 MORAIS, Gizelda. *D. Luciano José Cabral Duarte: relato biográfico*. 1ªed. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008, p. 99.

8 Cassado desde 1928, o Partido Comunista Brasileiro voltou à legalidade em 1945. Embora tenha durado pouco na legalidade, os comunistas atuavam na clandestinidade, aderindo a ele principalmente intelectuais, dentre eles muitos professores (PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL In: FLORES, Moacyr Dicionário de História do Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996).

9 NUNES, Maria Thetis. A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, a formação da intelectualidade e a criação da Universidade Federal de Sergipe. Conferência proferida no Seminário: *O Pensamento Sergipano – cultura e religião em Luciano Duarte*. Aracaju/SE: 21 de janeiro de 2005.

Foi nesse clima que a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe foi pensada e criada, sendo aprovado o funcionamento dos cursos de Filosofia, Matemática, História e Geografia, Letras Anglo Germânicas, Letras Neolatinas e Pedagogia, por meio do Decreto publicado no Diário Oficial da Capital Federal, de nº 29.311 de 28 de fevereiro de 1951.

De acordo o Regimento Interno da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – FAFL, os seus três principais objetivos eram: “promover o desenvolvimento da cultura do espírito, como meio de formação integral do homem e da elevação moral da sociedade; estimular a investigação científica; e, preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal¹⁰”.

Fundada a Faculdade Católica de Filosofia, surgiu o desafio maior que era fazê-la funcionar. Foi nesse momento que a figura do padre Luciano Duarte foi focalizada como a de um grande lutador.

Antes mesmo da fundação da Faculdade, ainda em 1950, o padre Luciano buscava profissionais liberais e outras pessoas com formação superior, que fossem conhecidas pela sua cultura, selecionando, assim, professores para a futura faculdade. Mas a luta do padre Luciano não se resumia a conseguir professores; buscava também atrair alunos; por isso, o padre tentava convencer rapazes e moças a ingressarem na faculdade. Quando o problema era financeiro, ele reduzia, ainda mais, a mensalidade, a qual já era de um valor simbólico.

O padre Luciano, além das já citadas atribuições por ele desenvolvidas na FAFL, lecionou no curso de Filosofia. No primeiro ano, foi responsável pelas disciplinas: Introdução à Filosofia, Psicologia, e Teologia; No segundo ano, lecionou Teologia. No terceiro ano, Teologia, Psicologia e Filosofia Geral. No curso de Letras Neolatinas, ministrou aulas de Língua Latina. No curso de Didática, ministrou aulas de Psicologia Educacional.

O Jornal Católico “A Cruzada” publicou minuciosamente os primeiros passos da Faculdade e dos seus cursos, sempre exaltando a sua alta procura, o seu ótimo funcionamento, entre outros aspectos positivos que essa instituição estava proporcionando para a sociedade sergipana.

Já na pesquisa realizada por Nunes¹¹, ela justifica a pouca procura, pois, segundo a autora, o Colégio N. S. de Lourdes apresentava diversos problemas estruturais, além do fato mais agravante que seria sua localização no centro da cidade, na rua Itabaianinha, próximo ao mercado. Aliado a isso, o funcionamento dos cursos dava-se no período noturno e os pais viam com bastante preocupação o fato de suas filhas freqüentarem uma faculdade¹² mista, situada perto do mercado e da zona de prostituição.

10 Regimento da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Art. 1º (Verificar Anexo II).

11 NUNES, Marta Suzana Cabral. *O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1959-1968)*. São Cristóvão/SE: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2008, p. 30 (Dissertação de Mestrado).

12 Fato bastante novo na vida do Estado, pois o “normal” era que os homens fizessem o curso superior, cabendo às mulheres o magistério, através dos cursos pedagógicos.

A contradição encontrada nas fontes citadas nos leva a concluir que, possivelmente, como o jornal é um meio de propaganda, decidiu enfatizar a procura como meio de atrair alunos. E, para o Padre Luciano esse era mais um fator de preocupação e desgaste.

Apesar de parecer contraditório, na época, a carência desse nível de ensino fez com que houvesse a preocupação de implantação do ensino superior; no entanto, quando a Faculdade já estava em funcionamento, a escassez de matrículas punha a instituição em difíceis condições financeiras.

Fazendo a avaliação de dez anos de funcionamento da FAFI, na Revista da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe¹³, encontramos a informação de que a FAFI começou a funcionar com quatro cursos: Filosofia, Geografia e História, Letras Anglo-Germânicas e Matemática. Em 1952, começou o curso de Línguas Neo-Latinas. Até o ano de 1961, não havia começado a funcionar a Faculdade de Pedagogia. Os cinco cursos funcionaram regularmente até 1957. A partir do ano seguinte, os cursos de Filosofia e Matemática foram suspensos, haja vista a falta de alunos¹⁴ e as dificuldades financeiras por que passava a Faculdade. Nos dez anos de funcionamento, a Faculdade diplomou 72 alunos, sendo dois em Matemática, cinco em Filosofia, 28 em Geografia e História, 31 em Letras Neo-Latinas e 6 em Letras Anglo-Germânicas. Além disso, conferiu grau de Bacharel a oito alunos, sendo um em Filosofia, um em Matemática, dois em Letras Neo-latinas e quatro em Geografia e História.

O aperfeiçoamento dos professores era uma grande preocupação da Faculdade. Devido a essa necessidade de aperfeiçoamento, o padre Luciano foi para a França estudar Filosofia na Sorbonne; o professor de Inglês, Paulo Nascimento, foi para os Estados Unidos para aperfeiçoar a língua. Outro professor, José Silvério Fontes, foi para a França, porém retornou por motivos de saúde. Em 1958, a Diretora do Ginásio de Aplicação, Rosália Bispo dos Santos, recebeu uma bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES¹⁵ – para um ano de estudos de Francês no Rio de Janeiro. Em 1960, a bolsa foi destinada à Vice-Diretora. Também no final de 1960, Dom Luciano foi para os Estados Unidos com uma bolsa de estudos de quatro meses para observar o ensino de Psicologia Educacional¹⁶.

Diante do exposto, visualizamos que Sergipe, tendo passado tantos anos sem possuir cursos de ensino superior para levar seus jovens ao caminho do conhecimento e da intelectualidade, foi agraciado, na década de 50 do

13 ROTEIRO DE UM DECÊNIO. In: *Revista da Faculdade Católica de Filosofia*. Nº 01, ano 1. Aracaju, 1961, p. 221-222.

14 Durante o ano de 1957, os dois cursos, nas três séries, contavam com apenas três alunos.

15 A CAPES, é uma agência de fomento à pesquisa brasileira que atua na expansão e consolidação da pós graduação *strictu sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados do Brasil.

16 ROTEIRO DE UM DECÊNIO. In: *Revista da Faculdade Católica de filosofia*. Nº 01, ano 1. Aracaju, 1961, p. 223.

século XX, com o surgimento da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – uma instituição que, além de ter facilitado o acesso à cultura superior, também promoveu a formação de professores para o ensino secundário.

Essa Faculdade surgiu como marca registrada pela apreciável intenção do Governador do Estado, Dr. Gonçalo Rollemberg Leite, e da ação do Bispo Dom Fernando Gomes, que escolheu, de maneira sábia, o padre Luciano Duarte para ficar à frente de todo o processo de criação e funcionamento da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

É lúcido fazer referência à atribuição da Igreja frente à formação do mundo civilizado. E, foi isso que, em terras sergipanas, o então padre Luciano Duarte se engajou em pôr em prática tal projeto, ainda que enfrentando dificuldades estruturais e financeiras, além das ideológicas, que, por algumas vezes, gerou polêmicas e dificultou o andamento das atividades.

A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe¹⁷ foi uma significativa instituição superior que cumpriu sua missão formadora de professores. Estes, posteriormente, assumiram carreiras profissionais de destaque nas reconhecidas instituições de ensino do Estado e na primeira Universidade de Sergipe. Sua projeção se deve ao empenho do então padre Luciano Duarte, ao desejo dele de ver prosperar o panorama da inteligência em sua terra e ao apoio dos docentes que, mesmo tendo que sobreviver às dificuldades salariais, não negaram abraçar a causa.

Sergipe iniciou a década de 60 do século XX com seis faculdades em funcionamento (Faculdade de Ciências Econômicas, Escola de Química de Sergipe, Faculdade de Direito, Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, Faculdade de Serviço Social e a Faculdade de Medicina), o que ampliou as possibilidades para um possível surgimento de uma universidade.

Apesar de ser considerado o menor Estado pertencente ao Brasil, mostrou que acompanhava tanto quanto os maiores Estados, os acontecimentos e as inquietações que o mundo vivia, durante a segunda metade do século XX, no momento em que era possível notar a busca pelo progresso em todo o país, o qual, mesmo abalado pelas transformações sócio-econômicas, apresentava a visível importância que as áreas urbanas vinham adquirindo para o status médio da população, anseios manifestados na busca de solução dos problemas educacionais e surgimento das universidades em meio à crise do pensamento e do monopólio intelectual da Igreja, das descobertas científicas, das transformações técnicas e econômicas. Foi nesse mesmo cenário que emergiu a idéia da criação da primeira universidade em terras sergipanas, sendo ela de caráter público.

O padre empenhou-se na nova missão e iniciou as viagens com o objetivo de buscar as orientações necessárias e os elementos exigidos pela lei

17 Ver Anexo IV.

e pelas exigências governamentais. Na época, Sergipe era o único Estado nordestino que não possuía uma universidade, então isso parece ter instigado mais ainda o Padre a buscar a realização do sonho de muitos jovens estudantes que desejavam condições de expansão cultural, social, política e econômica, desobstruindo, dessa forma, os obstáculos que os impediam de se integrar na realidade do progresso brasileiro e suprir as necessidades e os anseios da população.

Com todas as Faculdades em funcionamento, aconteceram reuniões com seus diretores, para que fosse posta em prática a congregação de todas elas, posto que a criação de uma universidade era necessária. Opiniões ora se entrelaçavam, ora divergiam, mas havia a consciência da não condição de continuidade de algumas das Faculdades, caso a Universidade não surgisse, por questões de abalos financeiros.

Com exceção da Faculdade de Medicina, que funcionava no Hospital Cirurgia, todas as demais possuíam prédio próprio, seja do Estado, seja da própria entidade. Isso significa bom indício para o funcionamento dessas instituições, porém ainda assim não haveria um desenvolvimento educacional satisfatório se não fosse solucionada a situação de todos os professores que nelas trabalhavam e que recebiam salários simbólicos; em algumas delas, eles recebiam salário mínimo e em outras, o que fosse possível à instituição pagar. No entanto, a única solução encontrada para resolver tal problemática foi à federalização; dessa maneira, mobilizaram-se, com apoio político, para conseguir do Governo Federal a criação da Universidade Federal de Sergipe.¹⁸

Em pleno período de revolução, marcado pela tutela militar, com o objetivo de combater a subversão e reorientar a política nacional, o padre Luciano estava à frente dos embates e das repercussões, mas não temeu, seguiu adiante, e alguns fatores lhe facilitaram tolerar pressões e mal entendidos que retardavam a mais rápida efetivação do processo existencial de uma universidade em Sergipe. Foram eles: sua posição como clérigo, que tinha suas ações reconhecidas com louvor pela Igreja; ciclo de amizade com pessoas de influência social, cultural e política, o fato de ser membro do Conselho Estadual de Educação e a oportunidade de ter sido nomeado Bispo no ano de 1966. Tais fatos possibilitaram um maior reconhecimento da sua pessoa e agilidade de todo processo burocrático para a criação de um segmento de tamanho porte.

Foi nesse clima ditatorial que o projeto da Universidade em Sergipe se desenvolveu. As divergências eram crescentes, especialmente, no que se refere ao combate dos adversários da revolução. Na época, a política do Ministério da Educação e do Estado Ditatorial era de só admitir Universidades Federais criadas na forma jurídica de fundação, seguindo padrão

18 MACHADO, Manoel Cabral. Entrevista concedida à autora em 23 de março de 2005. Aracaju/SE.

de todas as universidades surgidas após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1961, e não mais de Autarquia, que, em sua concepção, evidenciava a existência de empregos altamente remunerados, o que ia de encontro à cultura e à política econômica do país, na época. Essa exigência do Governo Federal causou desavenças e incompreensões.

A temeridade quanto ao fato de que interesses americanos fossem impostos na nova universidade e que a dominação dos estudantes brasileiros viesse a acontecer, como nos modelos americanos, trouxe a lembrança de que Dom Luciano Cabral Duarte teve oportunidades de visitar universidades diversas, em outros países; inclusive, nos Estados Unidos, como nos comprova citação retirada de documento: “Em 1961, o Diretor da Faculdade de Filosofia é agraciado pela Embaixada Norte-Americana com uma “bolsa de estudos” sobre o ensino nos Estados Unidos, onde passa quatro meses, observando a vida universitária naquele país”¹⁹.

Existiu o receio de que Dom Luciano Duarte direcionasse o perfil da futura universidade para os filhos da elite, assim como fez a Igreja ao implantar as Pontifícias Universidades Católicas (PUC's); posto que a instituição seria construída com verbas públicas, com padrões elevados de qualidade, porém, com taxas a serem pagas pelos alunos.

O que percebemos é que, há muito, pretendia-se uma universidade para Sergipe. A população acreditava que ela chegaria; todavia, as opiniões divergiam e punham em exposição a sua vinda por meio das mãos de Dom Luciano Cabral Duarte, representante de um poder católico, de direita, conservador e dominante, que poderia denotar que a Universidade seria paga e poderia sofrer ingerências norte-americanas.

Enfim, os embates aconteciam. As divergentes representações marcavam a história da Universidade de Sergipe e a definição, por uma das formas de regime jurídico a ser adotado, permanecia. Apesar da duplicidade de anseios, era notório o desejo de todos, para que fosse adotado o regime que proporcionasse melhor condição à Universidade, a fim de que a mesma fosse criada e instalada, movimentando recursos materiais e humanos, projetando dias melhores para as pessoas que dela iriam fazer parte e para todo o Estado.

Impasses não faltaram. Inclusive por parte do Ministério da Educação, que através de seus relatores apresentou a dificuldade em agilizar os encaminhamentos. O Monsenhor Luciano Cabral Duarte viveu momentos desgastantes e conflituosos, pois era ele quem estava à frente do processo tão esperado da Universidade Federal de Sergipe.

Foram três relatores que passaram pelo caso da criação da universidade em Sergipe, o sergipano José Barreto Filho, o paraibano Durmeval

19 FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Galeria dos ex-presidentes: Conselho Diretor. Aracaju/SE: Centro de Impressão Eletrônica Universidade Federal de Sergipe, 1998, p.10-14.

Trigueiros e por fim, Newton Sucupira. Este último visitou Aracaju em setembro de 1966, com o objetivo de manter contato com as Faculdades.

Durante a visita na Faculdade de Direito de Sergipe, o Dr. Newton Sucupira teve a companhia do Monsenhor Luciano e do Diretor da casa, o Dr. Gonçalo Rollemberg Leite. Fora do esperado, aconteceu um incidente. Um grupo de estudantes realizou protesto contra a universidade “vinda das mãos de Dom Luciano Duarte”²⁰.

Em primeiro de novembro de 1966, Dom Luciano Duarte recebeu telegrama do Dr. Newton Sucupira, convocando-o para comparecer ao Rio de Janeiro, a fim de acompanhar a apresentação do parecer, que aconteceria na semana de seis a treze de novembro²¹.

Enfim, a apresentação do parecer do Dr. Newton Sucupira à Câmara de Ensino Superior aconteceu no dia nove de novembro, contando com a participação dos seis Conselheiros componentes da Câmara, que debateram, julgaram e decidiram pela aprovação unânime do parecer do Conselheiro Newton Sucupira. No entanto, ainda não foi neste momento que os fatos se resolveram, uma vez que surgiu a necessidade de enviar o processo para apreciação do Ministério da Fazenda, que deveria observar a existência de fundos disponíveis para a criação de uma nova universidade, já que um ano antes tinha sido adotada, pelo Conselho Federal de Educação, uma Resolução que decidia não mais se criar Universidade Federal, tendo em vista que o Fundo Nacional do Ensino Superior se encontrava superonerado. Esta etapa foi também difícil, pois, levantada pelo Conselheiro Celso Kelly²², que apresentava posição não de oposição, mas de abstinência em votar o parecer, o mesmo fora aprovado, mesmo sem seu voto.

Com o projeto aprovado, faltava apenas o Presidente da República assinar o decreto, autorizando a instalação da Universidade de Sergipe, o que veio a se tornar realidade no dia 28 de fevereiro de 1967, quando o Presidente da República, Humberto de Alencar Castelo Branco, assinou o Decreto-Lei nº 269, que criou a Fundação Universidade Federal de Sergipe, realizando, enfim, um sonho.

Há muito que se vislumbrou que se chegasse o dia da criação da Universidade; afinal, foi uma luta empreendida por intelectuais sergipanos, mas que terminou envolvendo outras pessoas da sociedade, na tentativa de vencer os obstáculos e as incompreensões que caracterizaram o cenário educacional e político sergipano.

20 Expressão encontrada na entrevista a Dom Luciano Duarte, realizada pelo jornal “A Cruzada”. Relator do Processo da universidade em Sergipe. *A Cruzada*. Ano 48, nº1170. Aracaju/Se, 24 de setembro de 1966, p.8.

21 Universidade à vista. *A Cruzada*. Ano 48, nº 1177. Aracaju/SE, 19 de novembro de 1966, p. 10.

22 Na época, professor da Universidade do Brasil.

Ainda em 1967, no dia 07 de março, o Bispo Luciano Duarte foi nomeado membro do Conselho Diretor da Fundação Universidade Federal de Sergipe, composto por seis membros²³, que elegeram também o Bispo como o primeiro Presidente, cargo ocupado durante três mandatos consecutivos de dois anos cada um.

Com a Universidade já criada, a instalação só veio a acontecer em 15 de maio de 1968, incorporando seis Faculdades que a formavam e que ocupavam prédios espalhados pela cidade de Aracaju, que, doados à Fundação, constituíram o seu patrimônio inicial.

A Universidade Federal de Sergipe foi constituída somente em 1968, com dez cursos, 576 alunos, e 168 professores. Ao ser organizada, a instituição foi vista pelas elites locais como uma agência formadora que retiraria das famílias mais poderosas o ônus financeiro e afetivo de apartar-se dos seus filhos que, antes, tinham a necessidade de migrar, principalmente para a Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, a fim de concluir os estudos universitários²⁴.

A cerimônia de instalação aconteceu no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, contando com a presença do Ministro da Educação, Raymundo Muniz de Aragão, além de outras personalidades sergipanas, num momento tão significativo para a vida acadêmica do Estado de Sergipe.

Os episódios, as repercussões e as variantes incompreensões deixaram marcas lamentáveis, as quais servirão para mostrar que a persistência dos envolvidos, no processo, ultrapassou e venceu os obstáculos encontrados. Iniciava-se nova realidade em solo sergipano, trazendo a esperança da transformação do panorama social, educacional e cultural.

23 Eram também Conselheiros o Dr. Lauro de Britto Porto, Dr. Clóvis Conceição, Dr. Manoel Aquiles Lima, Dr. João Moreira Filho e Dr. Eduardo Vital Santos Melo.

24 NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas de Carvalho do [et.al.]. Educação Superior em Sergipe 1991 – 2004. In: *Educação Superior Brasileira: 1991 – 2004*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, p. 25- 26.